

A TEORIA DO CONHECIMENTO DE NICOLAU DE CUSA: SUAS IMPLICAÇÕES NO HUMANISMO RENASCENTISTA

THEORY OF KNOWLEDGE OF NICHOLAS OF CUSA: IMPLICATIONS IN RENAISSANCE HUMANISM

*Carlos Alexandre do Nascimento*¹

Resumo: O filósofo é apontado como um dos precursores do movimento renascentista. Seu Neoplatonismo está a serviço de interesses teológicos e religiosos, onde a base de seu pensamento está na análise do conhecimento do infinito, Deus. Para ele o conhecimento perfeito é impossível de ser alcançado, temos condições, por comparações da realidade com a matemática, chegar a um conhecimento aproximado. Neste processo de conhecer o filósofo desenvolve o princípio do "tudo está em tudo". Ao dizer que o ponto está na reta, a reta está no círculo, o círculo no retângulo, Deus no universo, o universo no homem. Este último se torna um microcosmo. Deus o todo, inalcançável, o homem a parte do conhecimento possível. Porém um microcosmo perfeito. Assim estudando o homem poderá chegar a um conhecimento aproximado, pois a totalidade é impossível, do infinito que é Deus.

Palavras chave: Nicolau de Cusa. Renascimento. Humanismo e Epistemologia.

Abstract: The philosopher is touted as one of the precursors of the Renaissance movement. Their Neoplatonism service is theological and religious interests, where the base of his thought is the analysis of the knowledge of the infinite God. For him perfect knowledge is impossible to be achieved, we have conditions for comparisons of reality with mathematics, reaching an approximate knowledge. In this process of knowing the philosopher develops the principle of "everything is in everything." In saying that this point on the line, the line is in the circle, the circle in the rectangle, God in the universe, the universe in man. The latter becomes a microcosm. God the whole, unreachable, the man of the knowledge possible. But a perfect microcosm. So studying the man could reach an approximate knowledge, because the whole is impossible, which is the infinite God.

Keywords: Nicholas of Cusa. Renaissance. Humanism and Epistemology.

Introdução

*“O último passo da razão é o de reconhecer que existem infinitas coisas que a supera” (Sócrates)*²

O trabalho tem por objetivo investigar a teoria do conhecimento em Nicolau de Cusa a fim de vislumbrar os impactos da mesma no pensamento renascentista, bem como averiguar as possíveis contribuições deste ao pensamento filosófico. Objetivamos também, desenvolver de forma consistente o tema proposto, disponibilizando um

¹ Graduando em Teologia da Faculdade João Paulo II. E-mail: carlosn@prof.educacao.sp.gov.br

² Cf: REALE, 1990, p. 8

referencial bibliográfico capaz de incentivar novas pesquisas acerca desse pensador. O desenvolvimento dos objetivos elencados não se dará sem que consigamos, inicialmente, responder o seguinte questionamento: Qual o impacto da teoria do conhecimento de Nicolau de Cusa ao pensamento humanista renascentista? E outros ainda que o antecedem, como, “o que é teoria do conhecimento? O que foi o humanismo? Qual a teoria epistemológica de Nicolau? Qual o reflexo deste pensamento ao humanismo renascentista?”

Desenvolveremos um artigo de revisão bibliográfica, portanto, a metodologia utilizada será a leitura e análise de comentadores bem como de alguns textos – traduzidos - do autor.

Contexto

O período denominado Renascimento está situado na história entre os períodos Medieval e Moderno. Porém lembramos que tal divisão não é estática e sim apenas uma referência, pois sempre existe um pouco de cada período em toda história do pensamento humano. Este período se refere ao renascimento do humanismo grego, porém com uma visão cristianizada. Assim verificamos neste a retomada do pensamento de autores como Platão, Aristóteles e demais pensadores antigos com os contributos do Evangelho de Cristo.

Conforme nos afirma Barbeiro (1976, p. 185):

Na medida em que aceleram as transformações socioeconômicas, na transição da Idade Média, a cultura sofreu modificações [...] certos temas começaram a se popularizar e novas idéias surgiram dessas discussões. [...] As concepções medievais foram caindo em desuso, visto que não se adaptavam mais às novas circunstâncias [...] Havia uma crescente valorização do ser humano. Daí o desenvolvimento Antropocentrismo, isto é, o homem como centro da atenção de todas as ciências [...] os renascentistas procuraram a inspiração na Antiguidade Clássica, nos modelos grego-romanos.

Contrastando assim com Teocentrismo desenvolvido na Idade Média. Todavia a imersão do cristianismo jamais teria desfeita a sua interferência no pensamento humano.

Tal período é enaltecido por vários comentadores pela sua grandiosidade filosófica e científica. O contato das culturas vindas dos outros países para a Itália proporcionou uma bolha no conhecimento,

Renascimento foi mais o nascimento de uma outra civilização [...] representou grandioso fenômeno de “regeneração” e de “reforma” espiritual [...] retorno aos princípios autênticos [...] torna-se fenômeno literário e retórico (REALE; ANTISERI, 1990, p. 9).

Porém, Cassirer (2001, p. 6) os contrapõe mencionando:

Numa tentativa de síntese, os dois grandes sistemas filosóficos (Platonismo e Aristotelismo³) acabaram por perder seus próprios contornos e se diluem na zona nebulosa de uma única revelação primordial filosófica-cristã [...] Ao que tudo indica, portanto, a força espiritual motriz da época – o esforço engendrado no sentido de precisar as formas, delimitar os contornos, especificar e individualizar – parece não ter surtido efeitos justamente na filosofia.

Tomando como base esta dupla interpretação do período buscar-se-á, por meio da análise da teoria do conhecimento de Nicolau de Cusa, compreender melhor o período e avaliar os contributos ou degenerações realizadas no pensamento filosófico.

Retomando os questionamentos expostos na introdução, já foi demonstrado o que foi o humanismo agora se faz necessário introduzir o que significa epistemologia ou teoria do conhecimento. Assim “Por teoria do conhecimento entendemos a disciplina filosofia que indaga pela possibilidade, origem, essência, limites, pelos elementos e pelas condições do conhecimento”. (ZILLES, 2003, p. 11). A epistemologia ou teoria do conhecimento tem como foco de atuação o estudo de como o conhecimento ocorre, analisa a relação objeto e sujeito, qual a origem deste conhecimento, o que é o conhecimento, entre outros aspectos.

O problema da teoria do conhecimento é a possibilidade de se conhecer. Pelo próprio nome conseguimos definir que este ramo da filosofia busca uma interpretação e uma explicação do saber humano. Hessen (2003) nos propõe cinco possibilidades do conhecimento são elas: o dogmatismo, o ceticismo, o subjetivismo e o relativismo, o pragmatismo e o criticismo. De forma resumida temos o dogmatismo concebe a existência da verdade, o conhecimento é possível e está fora de discussão. Para esta corrente o humano possui a potência de conhecer as realidades terrenas e divinas. Esta visão filosófica é muito encontrada nas questões de fé onde há “adesão a uma doutrina sem prévia fundamentação crítica” (ZILLES, 2003, p. 256). Um dogmatismo radical atribui única e exclusivamente a iluminação Divina a possibilidade do conhecimento,

³ (inclusão nossa).

porém, a defesa parcial da participação racional do homem é também defendida por esta corrente.

Podemos exemplificar esta concepção com o trecho do Catecismo da Igreja Católica (1993, p, 13):

Deus, infinitamente Perfeito e Bem-aventurado em si mesmo, em um desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para fazê-lo participar da sua vida bem-aventurada [...] Chama-o e ajuda-o a procurá-lo, a conhecê-lo e a amá-lo com todas as suas forças.

O ceticismo é a negação total de qualquer forma de conhecimento. Zilles (2003, p. 255) afirma ser o ceticismo uma “postura sistemática que não admite a possibilidade de afirmações especulativas certas, quer em geral, quer pelo menos, em determinado âmbito”. Conduz totalmente a dúvida, negando a possibilidade de conhecimento da verdade e/ou qualquer certeza sobre algo.

O subjetivismo restringe a validade da verdade ao sujeito que conhece e que julga. [...] O relativismo tem parentesco com o subjetivismo, também para ele, não há qualquer validade geral, nenhuma verdade absoluta. Toda verdade é relativa, tem validade restrita (HESSEN, 2003, p. 36-37).

Assim, os subjetivismos tem o sujeito e fatores externos como indicadores de verdade. O pragmatismo defende a verdade apenas naquilo em que se torna prático. Corrente principalmente defendida pela posterior filosofia Americana. O capitalismo vale-se de forma contundente de tal corrente e sua defesa pela utilidade do conhecimento.

Ambas as formas outrora citadas, dogmatismo e ceticismo, não discutem o conhecimento. O primeiro o aceita indubitavelmente como possível o segundo o rejeita totalmente. Assim se aproximam pela rejeição da análise do problema da existência do conhecimento. O criticismo vem a ser o meio termo aristotélico destas duas correntes. Põe à prova toda a afirmação do conhecimento humano sem aceitar nada inconscientemente, propõe a impossibilidade do conhecimento absoluto e aceita algumas verdades, como as da fé, por exemplo. Nicolau de Cusa, veremos a seguir, será também um dos precursores desta corrente, pois sua postura é totalmente crítica perante as verdades defendendo um conhecimento limitado, porém com bases também doutrinárias. Porém mais a diante Immanuel Kant é quem afinara a sinfonia com a sua Crítica a Razão Pura.

Sobre o filósofo que estudaremos sabemos, por intermédio de Mondin, que Nicolau de Cusa nasceu em Cues (Cusa) na Alemanha em meados de 1401. Teve formação em direito e matemática na cidade de Pádua, na Itália. Tornou-se sacerdote católico aos 25 anos, chegando a Cardeal da Cúria Romana. Morreu em Tódi em 1464. Sua estada na Itália, berço do renascimento, certamente contribuiu para com a formação de seu viés humanista.

Nicolau é apontado como um dos precursores do movimento renascentista. Como representante do neoplatonismo teve como objetivo a retomada do humanismo no cristianismo. A importância deste é ressaltada por Reale e Antiseri (1990, p. 61) ao mencionarem: “Uma das personalidades de maior destaque do século XV (talvez o gênio mais dotado especulativamente)”. Boehner e Gilson (2004, p. 557) afirmam “(...) o término da Idade Média destaca-se uma última grande figura de pensador, que em mais de um aspecto retém uma posição verdadeiramente singular”.

As influências de Nicolau de Cusa

A influência de Nicolau de Cusa no pensamento Renascentista não se limitou ao pensar. Foi um dos responsáveis pela inserção da cultura grega no colo italiano; e a miscelânea cultural foi um dos fatores que propiciou a retomada do pensar humanístico. O filósofo trouxe a realidade latina aos textos gregos. Sobre tal realidade Nicola (2005, p. 160): afirma: “os textos dos antigos clássicos que o filósofo levou para a Itália, junto com um grande grupo de eruditos que ensinaram aos doutos italianos a língua grega (esquecida há séculos), representaram uma etapa fundamental no desenvolvimento do humanismo”.

A teoria do conhecimento de Nicolau de Cusa

O Neoplatonismo de Nicolau está a serviço de interesses teológicos e religiosos, onde a base de seu pensamento está na análise do conhecimento do infinito, Deus. Faz uso de métodos extraídos da matemática para tal feito. Não como uma ferramenta, mas como procedimento comparativo. Para o filósofo o conhecimento é possível por comparações, porém “Nicolau indica um caminho correto de busca por aproximação daquela verdade (em si mesma inalcançável)” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 63). Para ele o conhecimento perfeito é impossível de ser alcançado, temos condições, por

comparações da realidade com a matemática, de chegar a um conhecimento aproximado. Assim afirma Nicolau de Cusa (2003, p. 22): Todos os nossos doutores mais sábios e divinos estiveram de acordo em que as coisas visíveis são verdadeiras imagens do invisível.

A matemática, como na antiguidade dos Pitagóricos, será na modernidade também base do pensar filosófico. Já identificamos em Descartes o impacto desta utilização, aonde por meio de princípios lógicos e racionais chegou à construção do Discurso do Método. Inegavelmente uma influência dos predecessores, e entre eles Nicolau de Cusa, pois é este último um dos primeiros a pensar a matemática no desenvolvimento epistemológico, método este desenvolvido futuramente por todos os pensadores modernos e as ciências em geral.

Pitágoras, o primeiro filósofo de nome e de facto, não colocou nos números toda a investigação da verdade? Seguiram-no os platônicos e nossos primeiros filósofos, de tal modo que nosso Agostinho e, depois dele, o próprio Boécio, afirmaram sem qualquer dúvida que, “no espírito do criador, foi o número o principal modelo” das coisas que deviam ser criadas. E de modo Aristóteles, que quis parecer original, refutando os antecessores, pôde ensinar-nos na Metafísica, as diferenças das espécies, senão comparando-as com os números? [...] Seguindo esta via dos Antigos, diremos, em convergência com eles, que, porque por nenhuma outra via que não seja a dos símbolos é possível acender às coisas divinas, poderemos então recorrer aos signos matemáticos como os mais convenientes por causa da sua incorruptível certeza. (CUSA, 2003, p. 24-25).

O livro “A Doutra Ignorância” pode ser pormenorizado em três grandes sentidos, são eles:

- 1 – O sentido socrático: “Eu sei que nada sei”. Porém qual a diferença da ignorância socrática para a ignorância dos demais. A diferença está em reconhecer-se limitado, em perceber que a razão humana conhece o mínimo do máximo possível, no caso de Nicolau, Deus. O indivíduo inconsciente de sua ignorância fica limitado a retransmitir conhecimentos recebidos, não busca um aperfeiçoamento do seu saber.
- 2 – O sentido místico: A possibilidade do contato com Deus. O filósofo que sai da caverna reconhecendo sua ignorância contempla a luz, mesmo que a mesma chega a ferir-lhe os olhos, tamanha a sua força. Deus para Nicolau é

esta luz que de tão forte não é possível de ser totalmente vista, mas o contato com ela é inevitável.

Poderemos não ver tudo, mas, certamente, seremos aquecidos por este saber radiado por Deus, no homem.

3 – O sentido como método: se me reconheço ignorante me coloco diante de uma situação de inferioridade sobre um saber absoluto, esta posição faz com que de forma humilde busque galgar aos poucos o conhecimento. Nesta obra que desenvolve a sua teoria da comparação matemática, a finalidade do saber somente é possível através de analogias matemáticas.

A intenção de Nicolau é fazer com que o leitor utilize a dialética matemática para perceber que o conhecimento absoluto se torna impossível, porém o conhecimento parcial é possível e se constrói por este método comparativo.

Assim a douta ignorância pode ser entendida no sentido socrático “Eu sei que nada sei”; no sentido místico na busca da realidade divina e no sentido metodológico, onde sabedores de nossa ignorância acendemos ao divino. Na dinâmica platônica, através das comparações do finito/físico, pela matemática, conseguiremos chegar próximo ao infinito/metafísico. O sensível possibilita o invisível, o terreno o divino, em um processo de análise por semelhanças.

O livro “A douta ignorância” é dividido em três partes dentre as quais na primeira temos as vias de acesso ao Divino, na segunda, Nicolau trata do Universo e na terceira escreve sobre o Logos Jesus Cristo.

Foquemos a primeira parte onde o filósofo disserta sobre a coincidência dos opostos, finitos e infinitos, da figura de Deus. Como nos explica Boehmer e Gilson (2004, p. 561) da sua dissertação sobre Nicolau: “E assim chegamos a vislumbrar que em Deus se encontra, em ato, toda a realidade, e isto em forma infinita, assim como nas figuras geométricas coincidem e atingem sua perfeição na linha infinita. O infinito da reta coincide com a finitude do ponto, assim também é em Deus.

Segundo o filósofo:

[...] podemos usar das coisas sensíveis, e em particular dos conhecimentos matemáticos como ponto de partida para penetrar nos mistérios de Deus [...] o nosso saber parte daquilo que é seguro e tem

alguma proporção com o desconhecido. Ora, nada é mais seguro que a matemática [...] propõe seguir o exemplo dos antigos filósofos, e aplicar certas considerações matemáticas as coisas divinas. (BOEHNER; GILSON, 2004, p. 564).

Neste processo de conhecer o filósofo desenvolve o princípio do “tudo está em tudo”. Ao dizer que o ponto está na reta, a reta está no círculo, o círculo no retângulo, Deus no universo, o universo no homem. Este último se torna um microcosmo.

Segundo Nicolau, o todo é composto pelas partes e as partes contêm características do todo. Deus o todo, inalcançável, o homem a parte do conhecimento possível. Porém um microcosmo perfeito, pois a perfeição de Deus está relacionada com a mente humana. Esta é a imagem primeira da complicação divina. Assim estudando o homem poderá chegar a um conhecimento aproximado, pois a totalidade é impossível, do infinito que é Deus.

Todos os nossos doutores mais sábios e divinos estiveram de acordo em que as coisas visíveis são verdadeiramente imagens do invisível e que, assim, o criador pode ser cognoscível visto pelas criaturas como que num espelho e por enigmas (CUSA, 2008, p. 23).

Se pensarmos que o Renascimento é baseado no humanismo, ou seja, o homem como centro do olhar do próprio homem, a teoria do conhecimento de Nicolau auxilia na mudança do foco investigativo para o homem.

Para Nicolau de Cusa, se Deus é impossível conhecer e se o homem é a possibilidade de chegar a algo deste Deus, foquemos, então, nossos esforços e pensamentos no humano. Tal conclusão é possível ser percebida no excerto “Senhor, que és suma consolação daqueles que esperam em ti, inspira-me a louvar-te a partir de mim próprio” (CUSA, 1988, p. 168), ou seja, chegaremos ao conhecimento, mesmo que parcial, de Deus, somente a partir de mim, do homem.

Mas a natureza humana é aquela que é elevada acima de toda obra de Deus e é pouco inferior à natureza angélica. Ela complica a natureza intelectual e a natureza sensível e reúne tudo em si, pelo que os antigos a chamara com razão microcosmo, ou seja, pequeno mundo. (CUSA, 2008, p. 139).

Considerações finais

Uma das implicações da teoria de Nicolau de Cusa no humanismo Renascentista foi a defesa realizada pelo filósofo da impossibilidade de se chegar ao conhecimento

absoluto, contudo, ao propor o método comparativo de conhecimento, propiciou pensar o homem como o centro de estudo. Sendo este é o microcosmo perfeito, ligado a Deus, torna-se foco, retomando o antropocentrismo grego.

Nicolau de Cusa não conseguiu, ainda, quebrar a hegemonia cristã no pensamento humano, pois a busca, para o filósofo, ainda é e continuará a ser o conhecimento divino, o saber absoluto, mesmo com suas limitações aqui demonstradas.

Muitas questões ainda podem ser levantadas sobre as contribuições desse pensador ao Renascimento e à modernidade, tais como um necessário aprofundamento sobre a compreensão do método matemático comparativo de Nicolau e todas suas nuances epistemológicas e semânticas, contudo, fugiriam do foco desse trabalho.

Assim podemos concluir que o renascimento foi período fértil ao pensamento filosófico, de grande contribuição ao modernismo vindouro, e a influência de Nicolau a esta passagem se torna inegável pelos argumentos aqui expostos.

Referências

- BARBEIRO, H. *História Geral*. São Paulo: Editora Moderna, 1976.
- BOEHNER, P.; GILSON, E. *História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. 9ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- CASSIRER, E. *Indivíduo e cosmos na filosofia do Renascimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Editora Vozes e Loyola, 1993
- CLARETIANO. *História da Filosofia moderna I*. Batatais: Ação claretiana de Batatais, 2006.
- CUSA, N. *A douta Ignorância*. 2ª ed. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2008.
- _____. *A visão de Deus*. Lisboa: Fund. Caloust Gulbenkian, 1988.
- HESSEN, J. *Teoria do Conhecimento*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MONDIN, B. *Curso de Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1981. v. 1.
- NICOLA, U. *Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo, 2005.
- REALE, G; ANTISERI, D. *História da filosofia: Do Humanismo a Kant*. 8 ed. São Paulo: Paulus, 1990. v. 2.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultura, 1999.
- ZILLES, U. *Teoria do Conhecimento*. 4ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

Recebido em: 20/09/2020

Aprovado em: 17/10/2020